



A drag e o rio: a arte precária e o corpo-potência

Kelyton Hugo Coelho da Costa¹

RESUMO

Este artigo objetiva-se em responder a seguinte problemática: o que um corpo-queer é capaz de fazer emergir em uma cidade-ribeirinha? Para tanto, utilizou-se um aporte teórico entre autores da geografia e da teoria queer estabelecendo diálogos e contradições para a interpretação e análise do fenômeno em questão, bem como ainda utilizou-se, metodologicamente, de uma relação dialógica entre o materialismo histórico dialético e a fenomenologia. Como resultados obtidos, apresentamos uma série de fotografias documentais de uma performance realizada por Keize; a primeira drag-queen de Oeiras do Pará, nos espaços públicos da cidade estabelecendo a relação da linguagem artística, da subversão e do estranhamento que um corpo-queer como instrumento estético, político-geográfico é capaz de provocar.

Palavras-chave: Geografia, Sexualidade, Gênero e Teoria Queer

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo dar respuesta a la siguiente cuestión: ¿qué es capaz de hacer emerger un cuerpo queer en una ciudad ribereña? Por tanto, se utilizó un aporte teórico entre autores de la geografía y la teoría queer, estableciendo diálogos y contradicciones para la interpretación y análisis del fenómeno en cuestión, así como metodológicamente utilizando una relación dialógica entre el materialismo histórico dialéctico y la fenomenología. Como resultado, presentamos una serie de fotografías documentales de una performance realizada por Keize; la primera drag-queen en Oeiras do Pará, en los espacios públicos de la ciudad, estableciendo la relación de lenguaje artístico, subversión y extrañamiento que un cuerpo queer como instrumento estético, político-geográfico es capaz de provocar.

Palabras clave: Geografía, Sexualidad, Género e Teoria Queer

INTRODUÇÃO

No recente livro “Território e descolonialidade: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na “América Latina” (2021), Rogério Haesbaert resgata a importância de considerarmos o gênero como um eixo fundamental de leitura sobre o

¹ Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Pará (PPGG/UEPA) – PA, anawehg@icloud.com;



território (e do espaço como categoria totalizante) enquanto categoria política de análise e da prática vivida à partir dos movimentos, coletivos e sujeitos historicamente marginalizados mas que no cotidiano criam e produzem formas de r-existência em contextos econômicos, sociais e políticos cada vez mais caóticos como é o caso do Brasil, onde mais de meio milhão de pessoas foram vítimas de um genocídio político orquestrado por um golpe institucionalizado à democracia e que hoje ainda se alastra pelo agravamento da pandemia de covid-19.

Michel Foucault em “História da sexualidade” (1999) traz ao debate um corpo atravessado pelas estruturas institucionais de poder, co-constituído pelas lógicas hegemônicas que produzem os sujeitos e conseqüentemente também re-definem lugares sociais no regime de controle da vida e da morte. Pensar o corpo, geograficamente, a partir dessa perspectiva é, portanto, considerá-lo como dispositivo de poder-saber-fazer. Isto é, falar do corpo é também falar de poder e neste sentido, cabe-nos considerar que o corpo não se restringe à uma dimensão biológica, mas que também é dotado de possibilidades políticas de intervenção sobre o mundo. A concepção Foucaultiana sobre poder traz consigo o elemento do discurso e conseqüentemente das múltiplas linguagens que enquanto dispositivos se conectam e criam realidades a partir de hierarquias cognitivas do conhecimento, bem como ainda produzem espacialidades individuais e coletivas diversas.

O arcabouço teórico da teoria queer permite-nos aproximarmos dos conceitos de performance, performatividade, paródia e interpelação; o que conseqüentemente nos permite uma abertura para reflexão entre espaço-arte-linguagem; sobretudo na forma como as espacialidades e movimentos urbanos constituem-se em narrativas urbanas, permeadas pela generificação dos espaços e pela desigualdade que se agrava de indistintas formas de segregações e exclusões sócioespaciais.

O gênero em Butler (1990), lembra Joseli Silva em “A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade” (2008):

Não é uma categoria fixa e pré-discursiva, mas se constrói por atos repetidos e estilizados pelo sujeito generificado. Portanto, o gênero é compreendido para além da mera representação que é vivenciada pelas performances dos sujeitos sociais que a experenciam através da vivência espacial cotidiana e concreta. (Silva, 2008, p. s/n).



Neste sentido, a experiência discursiva que surge à partir da pesquisa de campo, surge de um corpo que se enuncia em Oeiras do Pará; uma cidade-ribeirinha herdada materialmente e subjetivamente de uma política-indigenista-colonial e que hoje tal qual as cidades de um modo geral também reverbera em suas cotidianidades i-materiais e de re-produção do espaço verdadeiras rugas históricas e geográficas da colonialidade do ser, do saber, do poder e da natureza, como bem afirma Quijano (2005), no interior da Amazônia.

Oeiras do Pará é o lócus de pesquisa onde atualmente objetiva-se responder: o que um corpo-queer é capaz de fazer emergir em uma cidade-ribeirinha? E, a partir dessa problemática, compreendemos ser importante destacar as múltiplas formas e práticas de r-existência que os corpos-sujeitos não-heterormativos criam, produzem e tecem suas redes de apoio e sociabilidade no contexto urbano-ribeirinho de uma cidade localizada na mesorregião nordeste do Pará e que dentre muitas de suas singularidades geo-históricas ainda hoje mantém seu vetor de desenvolvimento humano intrínseco ao rio e as múltiplas formas de pobreza constituídas ao longo de todo o seu desenvolvimento enquanto cidade.

O que propomos aqui é elucidar uma dessas formas de r-existência corporificada e colocada à prova a partir de um corpo preto-bicha que performa e faz da arte drag uma ferramenta de contestação espacial, moral e simbólica nas intermitências da rua, dos igarapés, no rio e dos espaços públicos de Oeiras do Pará. Assim, construímos a partir da performance de intervenção em espaços públicos uma série documental de fotografias político-artísticas que nos norteará na construção da análise sobre a politização do espaço à partir das narrativas imagéticas e políticas que a arte é capaz de surtir nas geografias abjetas.

Outrossim, construiremos a partir da relação entre Judith Butler (2019), Joseli Silva (2018) e Rogério Haesbeart (2021) uma abordagem sobre uma geografia-queer-ribeirinha que politiza o espaço a partir de práticas artísticas, do gênero, das sexualidades, das festas, dos encontros e das narrativas existenciais de sujeitos que compõe aquilo que aqui chamamos de corpo-potência, para referenciar a abordagem subversiva do corpo e da linguagem em Butler (2019). Para tanto, estruturamos o referencial teórico a partir das noções do conceito de *gênero*, *performatividade*, *performance* e *paródia* articulando a análise à *práticas subversivas de interpelação*, trazendo a discussão para os estudos geográficos de Joseli Silva e Rogério Haesbeart na construção do diálogo com a proposta de uma geografia queer, ou no campo dos estudos contra hegemônicos e subalternos.



METODOLOGIA

Metodologicamente, este trabalho desenvolveu-se a partir de uma concepção dialógica entre o materialismo histórico e dialético e a fenomenologia. Isto porque compreendemos que nosso objeto de pesquisa não se constitui somente das experiências individuais e subjetivas individualizadas. Mas está situado em um tempo histórico e em um espaço de enunciação; portanto, um devir, como afirma a concepção de espaço em Massey e Keynes (2004).

Um corpo que se enuncia em múltiplas escalas e que *re-territorializa*² suas práticas espaciais de sociabilidade e de vida. Além disso, também cria geografias atreladas à ressignificar seus espaços e a constituir seus territórios de reivindicação tendo como base elementar as estratégias de vida e de sobrevivência que os grupos sociais historicamente subalternizados precisam criar como forma de enfrentamento e sobrevivência em um contexto tão marcado por políticas neo-conservadoras e atreladas à *necropolíticas*³ de extermínio, silenciamentos e retirada de direitos sociais já constituídos.

Dessa forma, metodologicamente, a pesquisa assume caráter qualitativa e caracteriza-se ainda enquanto pesquisa-participativa, uma vez que eu enquanto autor e sujeito de pesquisa também participo do que chamamos de *territorialidades performativas* que constituirá uma noção conceitual maior na dissertação final. Assim, subdividimos a pesquisa em dois momentos: o primeiro em uma aproximação bibliográfica entre autores da geografia e teoria queer afim de subsidiar teoricamente a pesquisa de campo que por sua vez, desenvolve-se a partir da experiência de uma performance artística em espaços públicos da cidade de Oeiras do Pará utilizando como ferramenta de pesquisa o experimento social, a observação, o relato da história de vida, a arte drag e a fotografia documental. As fotografias, os relatos de experiência e a produção da performance aqui dispostas tem a autorização tanto de Déliton (performer) quanto de sua mãe, responsável legal pelo artista, bem como cabe ressaltar que a pesquisa está

² HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2011b. 396p.

³ MBEMBE, Achilli. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Revista Arte & Ensaio. N.32. Dezembro, 2016.



articulada à CAPES pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade do Estado do Pará (PPGG).

REFERENCIAL TEÓRICO

1 SUJEITO, GÊNERO, PERFORMATIVIDADE E PERFORMANCE: NOÇÕES CONCEITUAIS DA TEORIA QUEER EM JUDITH BUTTLER

1.1 O SUJEITO

Assumimos como ponto de partida a noção de alguns dos principais conceitos trabalhados por Butler (2019) ao longo de alguns textos que compõem as referências sobre a teoria queer e dos estudos feministas advindos da revolução, dos movimentos estudantis e sociais dos anos 80; data e marco teórico da emergência dos estudos sobre gênero e sexualidade.

Nesse contexto, Butler publica “Problemas de Gênero” (1990) e ao mesmo tempo que constrói uma crítica aos movimentos feministas radicais sobre a biologização do sujeito e da categoria ontológica de “mulher”, também desloca a análise do sentido individual de sujeito para a forma como o sujeito é constituído a partir dos discursos e das práticas institucionalizadas de poder. Concepção que segundo Salih (2019), dialoga com as concepções de Foucault e de uma série de autores pós-estruturalistas como Derrida, Mearleau-Ponty, bem como articula seu pensamento à dialética de Hegel e a teoria da linguagem à partir dos “Atos de Fala” ; concepção de Jhon Austin sobre a ação da linguagem e do conceito de interpelação como ferramenta da produção e reprodução do gênero.

Assim, em Butler o sujeito é constituído a partir de uma genealogia, isto é :

Uma investigação genealógica da constituição do sujeito supõe que sexo e gênero são *efeitos* e - não causas - de instituições, discursos e práticas; em outras palavras, nós, como sujeito, não criamos ou causamos as instituições, os discursos e as práticas, mas eles nos criam ou causam, ao determinar nosso sexo, nossa sexualidade, nosso gênero. (SALIH, 2019, p.21)

Nessa perspectiva, o sujeito que aqui compreendemos como proposta é o sujeito em processo, corporificado que se espacializa e constitui-se no reconhecimento com o outro em um tempo e em um espaço geográfico. Não distante disso também reafirmamos



a representatividade do sujeito à medida em que experimenta os espaços e cria práticas de apropriação numa relação mútua entre sujeito e meio.

1.2 O GÊNERO

O gênero em Butler é uma categoria de análise do discurso. Isto é, sua abordagem teórica recupera conceitos da teoria da linguagem, da psicologia e da fenomenologia para compreender o sujeito não somente como uma espécie biológica mas também como *construto social*⁴. Dessa forma o discurso e a linguagem permanecem como conceitos chaves para se compreender as estruturas formativas do sujeito.

A partir do gênero, Butler desdobra-se em compreender como o sujeito é atravessado pelos discursos normativos e institucionais das estruturas de poder e como a partir da repetição de atos performativos, o gênero é re-produzido. Sendo assim, o gênero não existe sem a emergência de um sujeito que por sua vez é colocado à prova da legitimidade e do reconhecimento o que conseqüentemente produz formas de conflitos, violências e segregações; sendo portanto:

uma construção a partir da cultura não sendo algo que está acabado, estando constantemente em construção através do tempo, constituindo um fenômeno inconstante e contextual, desta forma gênero passa a ser visto como um ato performativo. (COELHO, 2018, p. 17)

É nesta perspectiva do gênero enquanto construção estruturante e estrutural das normas e das instituições formativas dos sujeitos que o sujeito-queer surge nos desdobramentos interpretativos do gênero. Ser queer não é uma identidade que assenta-se nos limites do identitarismo como essência, mas reafirma-se como uma outra possibilidade de constituir sujeitos fora da norma binária “homem x mulher” que o capitalismo estruturou, normatizou a partir do trabalho reprodutivo, dos discursos disciplinares, dos papéis, práticas e das funções sexuais tidas como “normais” ou não.

1.3 PERFORMATIVIDADE

⁴ Referenciada nas teorias foucaultianas, Butler refere-se a ideia do sujeito co-constituído a partir das tecnologias disciplinares do poder e amplia o sentido de compreensão da categoria “sujeito” desvinculando o sentido ora restrito à noção de biologização da categoria “mulher”.



O conceito de performatividade é talvez um dos mais importantes na construção do pensamento de Butler. Isto porque para ela a performatividade é uma sequência de atos discursivos que *interpelam* os sujeitos, atribuindo-lhes uma classificação, uma norma e criando a realidade a partir da linguagem. Salih (2019) faz um questionamento interessante quanto a isso: “Como a performatividade linguística se liga ao gênero?” (SALIH, 2019, p. 91) . Segundo a autora, ao interpretar o conceito, afirma:

O gênero é um ato que faz existir aquilo que ele nomeia: neste caso, um homem “masculino” ou uma mulher “feminina”. As identidades de gênero são construídas e constituídas pela linguagem, o que significa que não há identidade de gênero que preceda a linguagem. Se quiséssemos, poderíamos dizer: não é que uma identidade “faça” o discurso ou a linguagem, mas é precisamente o contrário – a linguagem e o discurso é que “fazem” o gênero. Não existe um “eu” fora da linguagem, uma vez que a identidade é uma prática de significante, e os sujeitos culturalmente inteligíveis são efeitos e não causas dos discursos que ocultam a sua atividade (GT, p.145). É nesse sentido que a identidade de gênero é performativa.

Destacamos alguns pontos que compreendemos serem relevantes aqui para a compreensão do que é a performatividade, sua relação com a ideia de subversão e práticas subversivas que serão discutidas nos próximos tópicos: o primeiro deles é sobre a ligação do gênero com a noção de inteligibilidade. Ser inteligível para alguém está diretamente relacionado ao reconhecimento do Outro como sujeito. Contudo, só se é ou se torna inteligível aqueles ou aquilo que validamos como passíveis de serem considerados humanos, certos ou errados de acordo com nossos sistemas de significados, crenças e valores culturalmente constituídos.

Assim, “o gênero é performativamente constituído, do mesmo modo que a escolha de roupas de alguém é delimitada, talvez até predeterminada, pela sociedade, pela economia, pelo contexto no qual esse alguém está situado”. (SALIH, 2019, p. 91) Em “Corpos em Assembléia e a Política das Ruas (2019) Butler volta ao gênero e discute o corpo precarizado pelas lógicas neoliberais de desenvolvimento do capital e afirma que junto ao extermínio de corpos sujeitos à *necropolítica* global, o gênero assume estruturalmente a função de demarcar os corpos historicamente subalternizados e aniquilados pelo capital.

Contudo, lembra ainda que embora as dinâmicas e as políticas de extermínio pensadas de modo a cada vez mais eliminar corpos ou condicioná-los à contextos subumanos de sobrevivência, há uma força-potência que se articula na contra-mão, na clandestinidade, que emerge da precariedade e da reivindicação do território, primeiro



pela dimensão i-material do corpo estendendo-se a outras escalas sociais, econômicas, subjetivas, culturais e políticas. A performatividade encontra-se, portanto, no ponto onde o conjunto dos discursos e da condição alinenável da produção do capital se encontram constituindo sujeitos, normatizando-os , mas também re-te-rritorializado-os a partir das práticas espaciais, estratégias de sobrevivência e de reivindicação do espaço como categoria totalizante e de territórios onde a diferença emerge enquanto matriz política de uso e apropriação deles.

1.4 PERFORMANCE

A noção de performatividade e performance, na concepção de Butler, quase sempre gera um conflito de interpretação. Isto porque ao afirmar que o gênero é performativo, dá-se a entender que o gênero é sempre uma performance. De todo modo, isso é uma verdade; uma vez que para existir o gênero precisa-se de um sujeito para performá-lo. Contudo, não é uma verdade absoluta. Salih (2019) esclarece que precisamos discernir entre os dois conceitos sem necessariamente cair no erro de sugerir que as sexualidades e o gênero cabem e restringem-se na esfera de uma escolha ou das identidades.

A performatividade segundo a autora é o conjunto de discursos institucionais e disciplinares que atravessam a formação dos sujeitos, interpelando-os a partir do senso de normas, regras e racionalidades já tidas como prontas e acabadas. Isto é, a concepção binária de mulher “feminina” e do homem “masculino” são concepções que historicamente serviram como suporte na divisão do trabalho para o desenvolvimento do capital⁵ e cristalizaram estruturalmente uma noção de gênero biologizado onde o sexo biológico determinaria a vida dos sujeitos a partir de suas genitálias. É essa contrução de concepções cristalizadas e definidas que produzem a heterossexualidade como verdade e como identidade hegemônica de poder.

⁵ Em “História da Sexualidade” (1991) Foucault elucida como o sexo e a sexualidade foram estruturas de base para o desenvolvimento do capitalismo. Uma vez que o trabalho foi dividido e assentado a partir das concepções de homem e mulher. Um sentido estratégico, se compreendermos que para o homem fora destinado os trabalhos de produção econômica e os cargos de poder; e para as mulheres, o trabalho doméstico e a manutenção da família; setorizando, dividindo e definindo os papéis sociais e as funções do trabalho acumulativo e reprodutivo na lógica capitalista.



Assim, o sujeito que nasce, ou antes mesmo de nascer já é submetido à uma construção discursiva sobre o que é ser homem ou mulher, se vai vestir azul ou rosa ou se irá brincar com carrinhos ou bonecas. A performatividade, portanto, existe enquanto estrutura levando-nos a compreender que todo gênero é performativo.

Contudo, não significa dizer que todos esses discursos de interpelação irão cristalizar-se na concepção de formação dos sujeitos individuais e de suas subjetividades. Considerar o sujeito enquanto um devir, como apresenta o sujeito de Butler, é dotá-lo de perspectivas e sistemas de significações que irão estar imbricadas tanto na esfera de suas subjetividades quanto no reconhecimento social de sua condição de gente ou não, de normal ou não, de abjeto ou não. Nesse interim, a performance surge como conceito aliado à *paródia*, pois: “o gênero não acontece de uma vez por todas quando nascemos, mas é uma sequência de atos repetidos que se enrijece até adquirir a aparência de algo que esteve alí o tempo todo.” (SALIH, 2019, p. 94)

Assim, “se o gênero é um “processo regulado de repetição” que se dá na linguagem, então será possível repetir o gênero diferentemente, como fazem as artistas *drags*”. (SALIH, 2019, p. 94) Neste sentido, a performance está diretamente ligada à forma como a partir do sujeito (performer) a linguagem assume vetores de poder distintas. Se ora os discursos da performatividade hegemônica, configuram normas de subjetivação na formação de sujeitos tidos como héterossexuais é possível entender então que os corpos e as identidades que não cabem à essa lógica tida como “normal”; ao mesmo tempo em que são afetadas por ela, também podem exercer sobre ela outros sentidos de orientação, outras formas de experienciar o cotidiano, de se espacializar constituindo assim uma espécie de resposta, uma contra-força ou uma contra-ação.

Ao conceituar a paródia como uma forma de imitação do gênero (Butler, 2019), a arte drag emerge como ferramenta de provocação e desestabilização dos sistemas de signos e significados colocando-nos a dúvida e o estranhamento do outro como método de autocontestamento sobre os valores que aprendemos outrora como certo ou errado, normal ou anormal, esquisito ou mesmo abjeto.

Dessa forma, a dragqueen assume a condição constestadora como linguagem corporificada que politicamente enuncia-se em um tempo, em um espaço e a partir de um sujeito situado na contradição da história e geograficamente especializado nas relações práticas da vida cotidiana.



2 SEXUALIDADE E ESPAÇO GENERIFICADO: APROXIMAÇÕES ENTRE FOUCAULT, BUTLER E JOSELI SILVA

Consoante as teorias de Michel Foucault, Butler (2019) compreende as primeiras noções sobre o gênero enquanto categoria política articulando a performatividade como estrutura discursiva na formação dos sujeitos. No decorrer de suas publicações posteriores a “Problemas de Gênero” (1990), Butler vai expandindo sua concepção sobre o gênero para além das discussões sobre identidade e orienta parte de seu trabalho dialogando dialeticamente sobre o corpo enquanto categoria material atribuindo aos sujeitos um sentido mais próximo das condições subumanas impostas pelo neoliberalismo e pelas políticas de extermínio de corpos transgressores da norma, para usar o termo de Joseli Silva (2008).

Em “Corpos em Assembléia e a Política das Ruas”, Butler (2019) discorre sobre o *corpo precário*. Um corpo subjugado às estruturas institucionais de poder, negligenciado quanto ao acesso das condições materiais básicas de sobrevivência e sujeito à políticas de gênero e de extermínio pautadas não somente nas bases morais de um neoconservadorismo fetichista mas dentro de um contexto necropolítico que a cada dia avança sobre corpos e grupos historicamente marginalizados e que condiciona práticas de hierarquia, segregações e violências nos espaços da vida cotidiana.

Assim, compreendemos como a discussão do gênero, do corpo e das sexualidades são fundamentais para a compreensão do espaço geográfico. Joseli Silva (2008) ao fazer sua leitura sobre as contribuições dos estudos feministas e *queer* dos anos 90 para a geografia, afirma que:

a habilidade para apropriar e dominar lugares e influenciar o uso do espaço por outros grupos não é apenas produto da heteronormatividade, mas é também de sua força expressa no espaço. Portanto, o espaço compõe a realidade heteronormativa mas também pode subvertê-la. (SILVA, 2008, p.7)

Neste sentido, o espaço assume a função material onde as diversas formas de sujeitos irão reproduzir suas práticas de dominação, apropriação e uso dos territórios e para isso é imprescindível considerar o corpo enquanto principal elemento nesse processo.



Especificamente ao que tange à sexualidade, Foucault (1999) , ao considerá-la como construção discursiva, aproxima-nos do plano da linguagem e das múltiplas formas de regulação, controle, reprodução e resistência ligados as instituições e sujeitos.

O poder entendido como estrutura elementar sob a qual o sexo e a sexualidade estão sujeitas, admite características específicas na história do ocidente; sendo estas: *a relação negativa, a instância da regra, o ciclo da interdição ,a lógica de censura e a unidade do dispositivo.*

A *relação negativa*, segundo ele, compreende a relação do poder sobre o sexo no sentido de sempre produzir uma negação do desejo, das sexualidades e das práticas. Está diretamente ligado à ideia do sexo como algo sobre o qual não podemos falar ou tornar público. Portanto, a negação do sujeito e de suas práticas mantem-se sob a ótica de invisibilidade das estruturas de poder.

A *instância da regra* compreenderia a forma de como o poder circunscreve uma ordem sobre o que é permitido ou proibido, sobre o que é aceitável ou não e sobretudo se é ou não inteligível. Isto é, o poder nessa perspectiva através da linguagem delimita os espaços atribuindo a ele uma espécie de lei que regula e diz o que é passível de ser aceito ou não dentro das hierarquias construídas a partir de uma ordem de quem julga mediando assim a possibilidade de reconhecer o outro enquanto sujeito à partir de sistemas de significação e normatizações já instituídas como “normais” ou “naturalizadas” no meio social enquanto regra.

O *ciclo da interdição* está diretamente ligado à ideia do silenciamento e da invisibilidade. O poder agiria sobre o sexo sempre interditando-o, cooptando-o e castrando-o para que a “ordem natural” se estabeleça e nunca seja questionada. Assim, qualquer que seja a diferença que surja nas relações sociais e que não caiba na ordem heteronormativa é conseqüentemente condicionado à proibição ou punição.

A *lógica da censura*, diz Foucault admite “três formas; afirmar que não é permitido, impedir que se diga, negar que exista” (FOUCAULT, 1999, p.81). Assim, a censura admite uma espécie de cadeia que ao passo que impede que os sujeitos sejam o que são, também reverberam formas de silenciamentos sobre o que se é; o que conseqüentemente condiciona os sujeitos à “inexistência”. Pois se não se diz que existe, cabe àquilo sobre a qual não se diz, não existir.

A *unidade do dispositivo* compreende a forma como as leis, as ordens e as instituições de modo coexistentes ao sujeito reverberam estruturalmente como este é



constituído enquanto sujeito; bem como ele relaciona-se com o meio em que vive e à forma como são subjugadas a certas hierarquias constituídas por múltiplas formas de poder mas que unificam-se em um regime que, segundo o autor, legitima a morte e os “assujeitamentos” que a própria ordem dos poderes nos impõe socialmente.

Joseli Silva (2018) recupera a heteronormatividade como regime de poder e faz sua leitura geográfica sobre como os espaços são generificados. Ao desenvolver seu trabalho junto à travestis em situação de rua e vulnerabilidade social, consegue então perceber como alguns sujeitos são efetivamente precarizados em suas condições de vida, bem como são limitados a certos espaços no que diz respeito ao uso e apropriação das cidades a partir de seus corpos e de suas espacialidades que por sua vez também acabam por ressignificar os espaços dela.

2.1 CORPO, ARTE E LINGUAGEM: O CONCEITO DE INTERPELAÇÃO A PARTIR DO CORPO-QUEER-RIBEIRINHO

A partir de Judith Butler (2019) e Joseli Silva (2018), podemos considerar o corpo então como categoria e dispositivo material do espaço. Neste sentido, compreendemos que o espaço enquanto estrutura herdada de um processo histórico colonial de desenvolvimento irá admitir uma lógica hegemônica que atravessará os corpos, os sujeitos e suas formas de apropriação do espaço a partir da intersecção entre vários dispositivos da diferença. Contudo, o corpo, segundo Butler é capaz de reivindicar e para isso é necessário antes compreendermos o sentido de *interpelação*.

Todo corpo, segundo a autora é interpelado no ato de seu nascimento e em processo de construção do sujeito, uma série de outros atos interpelativos nos permite associar o gênero ao sexo reproduzindo o gênero e as normas de gênero na subjetivação dos sistemas de signos do reconhecimento. O ato de nomear as coisas e as pessoas portanto é um ato performativo à medida em que se cria a realidade daquilo sob o qual classificam através do discurso. Porém, “as interpelações não nos “intimam” apenas ao sexo, à sexualidade e ao gênero: elas são também imperativos “racializantes” que instituem a diferença racial como um requisito da condição de “sujeitade”.(BUTLER, 2019,p.130)

Contudo, nem todo ato interpelativo é absoluto. Ao considerar o corpo também como construção discursiva, Butler (2019) dota-o de poder o que conseqüentemente nos



leva a entender que o corpo, portanto, também é um dispositivo da linguagem e portanto é capaz também de interpelar. Assim, se o corpo fala, então podemos compreender que pela subversão da linguagem é possível reivindicar os espaços, os territórios e a própria linguagem como estratégia política corporificada.

2.1.2 ARTE PRECÁRIA E O CORPO-POTÊNCIA

A arte surge então enquanto mecanismo da linguagem capaz de interpelar a realidade a partir da intenção de quem é interpelado e essas possibilidade de resposta constitui aquilo que Butler (2019) definiu como *corpo-potência*. Um corpo que reivindica sua própria condição precária de vida é um corpo capaz de recriar a realidade a partir de seus atos performativos de subversão e “ressignificação do signo”. (BUTLER, 2019, p.140)

O corpo-potência em Butler, portanto, pode “romper com as convenções e as instituições, os performativos podem “fracassar” na realização do que se propõem a nomear e esses fracassos podem ser postos a serviço de uma política radical de ressignificação”. (BUTLER, 2019, p. 158) Neste sentido, apresentamos a seguir algumas fotografias de uma performance de intervenção em espaços públicos da cidade à partir da linguagem da arte drag. Mais especificamente uma arte drag que nasce no contexto de reclusão pandêmica, emerge nos intertícios de uma cidade-ribeirinha e corporifica-se em práticas de construção da arte a partir da precariedade mas que em plano político reivindica e questiona a cidade à partir de um corpo-preto-bicha e artista.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

2.2 A ARTE DO CAOS: KEIZE, A FILHA DA PANDEMIA

Apresentamos aqui alguns dos resultados obtidos na experiência de campo à luz da performance de Déilton personificando Keize nas ruas de Oeiras do Pará. A partir da performance e da sequência de fotografias aqui expostas, apresentamos parte do trabalho da dissertação, ainda em desenvolvimento.

Na perspectiva de construir novas e possíveis narrativas contra-hegemônicas, imbricamos a fotografia à análise teórico-experimental da performance; destacando



alguns trechos de falas de conversas informais extraídas do momento em que Keize ganhava vida na linguagem performativa de Déilton, amigo pessoal e um dos sujeitos estruturais para o desenvolvimento deste trabalho.

2.2.1 RELATO DE EXPERIÊNCIA

Cheguei por volta das 16h à casa de Déilton e o encontrei fazendo os últimos retoques da maquiagem. De frente ao espelho, Déilton – entre uma brincadeira e outra – me relatava um pouco sobre como sua personagem nasceu:

“A Keize surge pra mim em 2020, amigo. Tive que ficar em casa por conta da pandemia e nesse período, minha mãe passava por um momento psicológico e emocional difícil. Eu não conseguia ver minha mãe sem a vaidade dela, sem a maquiagem e sem estar arrumada como eu sempre vi ela. Aprendi a maquiá-la pra poder maquiá-la e ver ela se sentir bonita de novo não tem preço pra mim. Sempre amei moda e costurar pra mim também foi algo que aprendi com ela; faço minhas roupas com peças de brechó e minhas perucas geralmente faço de cordas. Eu não tenho dinheiro pra fazer uma drag de luxo, mas uso tudo o que eu posso e tenho pra fazer a Keize existir e tenho muito orgulho de tudo o que aconteceu em casa. Minha mãe começou a ver diferente o que eu faço e nossa relação mudou muito desde que eu criei a Keize.” (Déilton, fragmento do diário de pesquisa, 2021).

A pandemia de Covid-19, reconfigurou a vida em múltiplas escalas. E, no interior das muitas Amazônias, as realidades reconfiguraram-se em perspectivas multidimensionais. Contudo, à partir do relato de Déilton é possível compreender seu lugar de enunciação e o contexto em que a personagem Keize surge. O caos, o pânico, a reclusão e o medo, certamente fizeram parte (e ainda faz) de uma nova reconfiguração da vida. O que até agora ainda não conseguimos dimensionar as consequências. Se resgatarmos a performatividade enquanto conjunto discursivo (Butler, 2019), compreenderemos que o pânico social causado pela pandemia nos deixou rastros de uma geografia da morte impulsionadas, sobretudo, pelo ataque às democracias institucionais, individuais e coletivas.

Em artigo⁶ publicado no site da UNICAMP, Regina Facchini, professora e pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero PAGU, afirma:

o Brasil vive uma escalada de discursos e comportamentos de ódio que dão força a atitudes LGBTfóbicas que podem se reproduzir em diversos espaços, especialmente no meio familiar. "Se nesses ambientes de convívio as coisas se tornam ruins, por causa desse tipo de discurso, com a pandemia tudo isso piora. Não é nada fácil ser LGBT+ no Brasil hoje. Nós temos um processo de negação

⁶ Artigo disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2021/05/17/nao-e-nada-facil-ser-lgbt-no-brasil-hoje>. Acesso em 27/10/2021.



da humanidade e do caráter de sujeitos de direito dessa população".
(FACCHINI, UNICAMP, 2021)

Os discursos de ódio impulsionados pelo golpe de estado que destituiu Dilma Housseff de seu cargo como presidenta, somado à conjuntura fascista das eleições de 2018, agravada pela crise sanitária da Pandemia de COVID-19, da situação de vulnerabilidade e pobreza de milhares de brasileiros, ganharam cada vez mais força contra grupos historicamente subalternizados. O racismo, o machismo e a homofobia, intensificaram-se de modo que grande parte da população LGBTQIA+, especificamente, teve de lidar não somente com as questões já catastróficas da pandemia, mas também com o agravamento da saúde mental e emocional da comunidade por conta da reclusão e da relação homofóbica entre questões familiares, trabalhistas e sobretudo econômicas.

Porém, da mesma forma em que fomos atingidos por esses discursos e políticas de extermínio da população brasileira, outras potências emergiram do contexto de reclusão. É o caso da Keize, uma drag que surge da precariedade social e que entre reclusão pandêmica e relações familiares provenientes deste contexto, emerge não somente como potência criativa, mas sobretudo enquanto mecanismo de contestamento sobre o gênero em uma cidade-ribeirinha produto i-material de um política indigenista e que até hoje reverbera *colonialidades*⁷ em todas as esferas da vida, de rupturas institucionais tais quais a família e de politização do espaço a partir da arte. Keize existe pela precariedade, assim como a precariedade da vida a fez existir. Neste sentido e misturando elementos naturais e artificiais, Keize narra paisagisticamente sua força, sua proposta e seu devir-bicha, utilizando a expressão de Paco Vidarte (2019).

Figura 1 - Keize e a drag ribeirinha- Performance de intervenção artístico-urbana

⁷ Conceito utilizado a partir de Quijano (2005), o qual compreende à herança das práticas coloniais tais quais o racismo, o machismo e a homofobia como construto da experiência do colonialismo enquanto processo sócio-histórico.



Performer: Déilton/ Roupas e Produção: Déilton / Fotografia: Hugo Coelho, 2021 Fonte: Produção do autor

Na imagem, Keize posa sobre um bilhar e contrasta com os açazais, elementos da paisagem naturalmente amazônica. Além disso, veste um conjunto de croped e saia confeccionados a partir de peças de brechó e estilizados à partir da técnica de upcycling; técnica utilizada entre estilistas que tem por principal objetivo transformar peças inutilizáveis em peças comerciais/conceituais. Déilton nunca fez curso e é autodidata o que consequentemente nos leva a inferir que além do talento, Déilton é capaz de superar a precariedade da vida e o torna um meio de r-existir, no meio em que vive, à partir de sua drag. Keize é uma personagem que existe pela precariedade e isso é um fato que nos permite inferir que a Arte enquanto imanência humana é visceralmente a forma como os sujeitos constituem formas de ressignificar seus questionamentos, suas percepções e sua condição de ocupação e reivindicação de suas lutas e existências.



Figura 2 - Keize e a drag ribeirinha- Performance de intervenção artístico-urbana



Keize posa em uma dos principais pontos de tráfego urbano em Oeiras do Pará. Performer: Déilton/ Roupas e Produção: Déilton / Fotografia: Hugo Coelho, 2021. Fonte: Produção do autor.

A teoria queer nasce e ressignifica o insulto. E visivelmente, ele – o insulto – se faz presente diariamente, ora como ofensa direta, ora como piadas mas quase sempre permeado de um olhar e de um riso que nos questiona, nos interpela como afirma Salih (2019) em Butler e nos ressignifica enquanto seres des-localizados da norma que constitui aquilo que é socialmente “normal” ou não. Interpelar em Butler está diretamente relacionado à forma como os outros nos reconhecem e nos condicionam às normas do gênero. Ao estranhar-se com alguém que coloca a heteronormatividade em cheque, a ruptura pela subversão do discurso corporificado devolve ao espectador a mensagem de um estranhamento, de uma contra-verdade e portando de uma subversão do discurso como ato. E atos discursivos, segundo Salih (2019) fundamentada em Butler, tem o poder de constituir novos sistemas de significantes e significados sobre os outros e sobre a vida.

Figura 3 - Keize e a drag ribeirinha- Performance de intervenção artístico-urbana



Performer: Déilton/ Roupas e Produção: Déilton / Fotografia: Hugo Coelho, 2021. Fonte: Produção do autor

A composição entre igreja e performance estabelece um senso crítico. A igreja enquanto instituição, historicamente foi e ainda é responsável pela demonização dos afetos, dos corpos e da homossexualidade enquanto fenômeno social. Keize ao ressignificar a paisagem e estabelecendo o corpo e a performance como instrumentalização geocorporificada, questiona em praça pública o sentido moral e estético que a cidade assume como narrativa colonial e humana. Um corpo preto, bicha, ironizando os elementos históricos que contam a história oficial da cidade é aquilo que Richard Miskolci (2018) chama de abertura para o mundo⁸. Há uma ruptura imagética no imaginário social que causa o estranhamento e o insulto que por hora representou opressão, agora é arte e arte que incomoda e gera reflexões e estranhamentos à quem vê e assiste.

⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=ar19rH0H6lM>



CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível destacar algumas conclusões quanto ao que já foi exposto, desenvolvido e discutido até aqui:

A partir da problemática destacamos o queer não como identidade restrita à ideia de autoidentificação, mas como uma possibilidade de abordagem teórica, metodológica e empírica passível de agregar aos estudos geográficos uma nova perspectiva das geografias que durante muito tempo foram tratadas como transversais ou simplesmente ignoradas analiticamente dentro da ciência geográfica. O queer enquanto movimento ético-político-estético-ideológico, perpassa e resgata as vivências de grupos e sujeitos historicamente excluídos e mortos transformando-as em subsídio teórico e político de emancipação e deslocamento subversivo do conhecimento científico a partir do que outrora era tido como incabível dentro dos espaços não só institucionais como da vida.

Além disso, reiteramos que a documentação histórica desses sujeitos, aliados à arte enquanto suporte de transformação e emancipação política dos sujeitos em um contexto no interior da Amazônia, nos possibilita a compreensão de novas formas ontológicas de vida, bem como ainda nos permite desdobrar o sentido das práticas sociais subversivas, e orientá-las rumo à construção de outras narrativas, perspectivas teóricas contra-hegemônicas e de enfrentamento às políticas de extermínio e subalternização.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Civilização Brasileira, 4ª Ed. Rio de Janeiro, 2019.

COELHO, Mateus Gustavo. **Gêneros Desviantes: os conceitos de gênero em Judith Butler**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/191493/PFIL0320-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso em 15 de agosto de 2021.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1977. FOUCAULT, Michel.

HAESBEART, Rogério. **Território e descolonialidade: sobre o giro (multi) territorial/ de(s)colonial na América Latina**. Fed.- Ciudad Autónoma de Buenos



XIV ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
GEOGRAFIA
5ª EDIÇÃO ONLINE

Aires; CLACSO; Niterói: Programa de Pós Graduação em Geografia; Universidade Federal Fluminense, 2021.

Salih, Sarah. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SILVA, Joseli Maria. **A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade**. GEOUERJ. Ano 10 – Nº 18 – Vol.1 – 1º Semestre de 2008. ISSN: 1981-9021.

Disponível em: < [https://www.e-](https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/1343/1132)

[publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/1343/1132](https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/1343/1132) > Acesso em: 9 de julho

de